

A LITERATURA ANGOLANA NO CENÁRIO FICCIONAL: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Vanessa Riambau Pinheiro (UFPB)

RESUMO

Este trabalho analisa a obra de três dos grandes expoentes literários angolanos da atualidade, a saber, Pepetela, Agualusa e Ondjaki. A partir da análise de algumas de suas obras, verificar-se-á de que maneira estes se coadunam ou não, com base na verificação das escolhas temático-estruturais dos autores. Buscar-se-á também apontar tendências e diretrizes da literatura angolana na atualidade e seu papel no cenário ficcional. Para tanto, utilizaremos como base teórica os autores Benedict Anderson, Stuart Hall, Kwame Anthony Appiah, Edward Said, Eric Hobsbawm e Memmi, entre outros.

Palavras-chave: Literatura, Angola, Pepetela, Agualusa., Ondjaki

1. A geração do desencanto de Pepetela

Artur Pestana, cujo nome artístico é Pepetela, foi militante do MPLA¹, ativo combatente contra a dominação do colonizador. Integrou também os primeiros governos angolanos, tendo sido nomeado vice-ministro da Educação em 1975. Apesar de sua participação política, ou até mesmo por causa dela, sentiu-se imbuído de, à parte de forjar uma identidade, criticar aquela que parece ter se instalado nos meandros do país, especialmente no que concerne aos que agora detinham o poder. Ele fez parte da geração angolana intelectualizada, que estudou em Portugal e ajudou a combater a colonização. Segundo Anderson (2008), enquanto o capitalismo transformava os meios de comunicação física e intelectual, as camadas intelectuais descobriram formas alternativas à imprensa, difundindo a comunidade imaginada. Ou seja, já que o movimento pré-independência não podia contar com os meios tradicionais de divulgação de suas ideias, ele precisou fazer uso de outros métodos, como encontros em A casa dos Estudantes do Império, por exemplo.

Em *Mayombe*, obra escrita entre os anos de 1970/1971 - em plena guerra pela libertação-, e publicada em 1980 - cinco anos após a independência-, temos um cenário de guerra e de devastação pré-independência, era ainda cedo para prever quais seriam suas

¹ Movimento Popular pela Libertação de Angola.

consequências. Talvez por isso as críticas de Pepetela tenham permanecido latentes, emergindo vez ou outra para dar voz às suas suspeitas de futuro não muito promissor. Já em *A Geração da Utopia*, de 1992, a desolação é evidente: temos, nos personagens, a representação de um passado – idealista – de Angola e do presente – arrivista – do país. Nessa obra, percebemos claramente todo o processo de revolta pela independência, desde sua formação, já que o protagonista é um intelectual idealista, até sua efetivação e posterior desencanto. Contudo, a mera presença do sonhador como protagonista do livro nos leva a crer que as decepções se embasavam principalmente em antigos sonhos desfeitos, e não em ressentimentos novos. Porém, se podíamos ter essa sensação reconfortante antes, não nos sobra nada em seu livro *Predadores*, que data de 2008.

Historicamente falando, temos um período que vai desde o fim da guerra pela libertação – alguns meses depois da Revolução dos Cravos em Portugal, passa pela independência em 1975, pela disputa de poder em Angola e pelos anos de guerra civil até chegar a 2005, três anos depois do fim da guerra e quando se pode, afinal, esperar alguma constância nesse tempo de paz.

O autor constrói sua narrativa desencantadamente, mostrando o país aos olhos dos seus personagens tolos, vis e irresponsáveis. Por isso não nos importa tanto a complexidade destes personagens, e sim o que eles representam: as diferentes visões de uma nova Angola. Eles são o reflexo do país: tanto a bondade ingênua quanto a incoerência são faces diferentes de quem nunca viveu uma revolução, assim como o são a decepção e o arrivismo de quem já viu a guerra. Temos, portanto, a ingenuidade e a vulnerabilidade de uma nova Angola que não conhece sua história representada em personagens como Djamila, Kasseke, Manuel e Nacib; a leviandade e a incoerência em Mireille e Ivan; o desencanto de um país que esqueceu dos seus filhos mais aguerridos em Sebastião Lopes e Simão Kapiangala; e a ambição e a corrupção em Vladimiro Caposso e seus aliados poderosos.

Como o próprio título parece nos indicar, os predadores tomaram tudo das gerações idealizadoras da independência, dos sonhos pueris à possibilidade de uma ascensão social honesta. Ainda que haja personagens de boa índole – como Kasseke, Manuel e Nacib -, eles não têm a força nem o engajamento necessários para se opor ao sistema corrupto e opressor que domina o país. E todos sofreram, em maior ou menor grau, a problemática cultural africana em suas vidas. A identidade mítica, primeva, atingiu Kasseke e Manuel de maneira irreversível. E a atual, a dividida, a transplantada, atingiu, ainda que superficialmente, Nacib.

De uma maneira reducionista, mas lúcida, podemos vê-los como infantes tolos e suscetíveis. O primeiro, castrado por seu próprio pai, na tentativa de circuncidá-lo para manter

uma tradição familiar, nos fornece uma analogia evidente com o que o “pai” Portugal fora capaz de fazer a Angola, castrando sua cultura na tentativa de manter-se no poder. Há aqui uma inversão da história original, quando o filho castrou o pai. Entretanto, tanto o pai de Kasseke quanto Portugal erraram na medida, pois enquanto a circuncisão de um virou sua castração, a tentativa de castração do outro se transformou no início de sua libertação.

Birmingham explica: ainda que, ainda que a independência tenha sido conquistada através de uma luta “travada em nome dos 'trabalhadores' e dos 'camponeses’”, não foi bem assim que a situação foi definida: “nos anos 70, os trabalhadores rebelaram-se contra o governo do movimento popular e, na revolta dos anos 80, os camponeses fizeram o mesmo e ainda com mais persistência”. Apesar da destituição do domínio português por tantos anos desejado, o governo sucessor continuou sendo “extremamente burocrático e relativamente autoritário” (2010, p.217).

Conhecendo a difícil realidade de Angola, percebemos que a narrativa de Pepetela ficcionaliza a própria perspectiva do autor face à história de seu país. Desde o iludido momento revoltoso pré-independência, passando pela guerra civil já sem utopia para, finalmente, chegar à visão de um país corrompido e degradado por seus próprios filhos.

2. Os africanos híbridos de Agualusa

Simone Schmidt, em seu artigo “Onde está o sujeito pós-colonial”(2009), afirma que o escritor angolano José Eduardo Agualusa é um sujeito desterritorializado. Diferentemente de Pepetela, ele não busca resgatar a história colonial em suas obras; tampouco manifesta desejo de retraditionalizar a África, como o moçambicano Mia Couto. É um escritor cosmopolita, mas que nem por isso deixa de se reconhecer como angolano. É o que Edward Said (2003) chama de “*persona* entre mundos”, já que não se prende mais a fronteiras nacionais e tampouco ignora sua necessária vinculação ao local onde nasceu.

O autor em questão nasceu em Huambo, em 1953. Durante seu percurso literário, morou em Luanda, no Rio de Janeiro, Recife, Alemanha, Índia, Holanda e agora vive em Portugal, na capital Lisboa.

No entanto, apesar de Pepetela morar em Luanda, a referida desterritorialização de Agualusa não pode ser explicada por uma questão meramente geográfica.

A vida do autor revela um tácito exemplo do que Hall (2003, p.95) considera como um cenário pós-colonial, um lugar no qual o processo de pluralização das identidades culturais

desafia os nacionalismos e as fixações identitárias. Neste contexto, Agualusa seria, como escreveu Fernando Pessoa sob a égide do heterônimo Álvaro de Campos, “estrangeiro aqui como em toda parte”.

De acordo com Reis, (2011, p.80), “Quando os artistas e intelectuais africanos tomam consciência de si mesmos e de sua diferença das antigas metrópoles, são espíritos modernos e culturalmente híbridos que descobrem a realidade africana e procuram criar uma nova territorialidade”.

Entretanto, mais do que um questionador, Agualusa é um homem preocupado com a alienação vigente em seu país. É um grande crítico da realidade local e da corrupção que impera no governo ditatorial do presidente José Eduardo dos Santos. Segundo o autor², em entrevista dada em 06 de junho de 2013, “Angola vive uma mentira”, “é uma falsa potência”, onde domina a “falta de inteligência” e estão reunidas as condições “para uma revolta de larga escala”.

Por se manifestar de maneira tão contundente, o escritor é *persona non grata* em seu país. Apesar dos vínculos afetivos que ele tem ali, como seus dois filhos, Angola não é um território livre para ele. Somado a este sentimento contraditório de pertencimento cultural, Agualusa carrega consigo a fragmentação do sujeito pós-moderno, traço que evidencia em suas obras. Seus personagens, não raro, são pessoas em trânsito, que ora estão de passagem, ora estão vivendo em um lugar onde não nasceram ou querem ir embora. Carregam consigo conflitos identitários (*As mulheres do meu pai* e *O vendedor de passados*), dificuldades em se expressar afetivamente (*Barroco tropical*, *O vendedor de passados* e *Milagrário pessoal*), medo e sensação de solidão permanente (*Teoria geral do esquecimento*). Todos estes fatores remetem ao que Hall (2003, p.9) chamou de sujeito fragmentado pós-moderno:

Esta perda de “um sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentramento de seus indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quando de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’.

Fatores como a diáspora e a globalização condicionaram o novo *modus vivendi* a estes sujeitos; no entanto, Hall (2003) atenta para o fato de que este resultado híbrido não pode ser mais facilmente desagregado de seus elementos ditos autênticos ou de origem.

² Disponível em: http://sol.sapo.pt/Angola/Interior.aspx?content_id=77507

Um exemplo deste hibridismo está no protagonista Félix Ventura, do romance *O vendedor de passados* (2004). A história, que ironiza a elite angolana formada no país após a independência, tem em seu personagem principal um homem que se ocupa da peculiar profissão de vender passados e inventar genealogias familiares nobres a pessoas cujo passado seja digno de constrangimento ou passível de omissão. O narrador da trama também é uma figura entre mundos: é uma osga, animal que, para os africanos, simboliza a imagem reencarnada de uma vida anterior. Este fato confirma-se na narrativa, a partir dos sonhos de vida humana que o animal tem e sua reflexão sobre o transcorrer dos acontecimentos. Assim se nos revela, neste jogo mimético-temporal, como o passado, trazido ao presente e com ele dialogado reaviva ou desmente os signos e/ou fragmentos de uma tradição.

Félix Ventura, o referido vendedor, é um angolano albino. Ele, além de se reconhecer negro, também desconhece sua origem. Não deixa de ser sintomático que um vendedor de passados ignore seus antepassados. Reflete, portanto, este sentimento de desterritorialização descrito anteriormente. Outros personagens também configuram este cenário: o estrangeiro que, como o próprio nome diz, não é de Angola e vai até Félix para comprar uma linhagem africana. É-nos revelado, no deslindar da trama, que a escolha do país não foi aleatória: Pedro Gouveia, rebatizado de José Buchmann, é ex-prisioneiro político e perdeu a esposa torturada por Edmundo Barata dos Reis, ex-agente do governo revolucionário angolano, e que volta a Angola para se vingar. Entretanto, ao assumir esta nova personalidade, absorve a cultura local como se fora autêntico angolano.

Em primeiro lugar está a mudar de sotaque. Perdeu, vem perdendo, aquela pronúncia entre eslava e brasileira, meio doce, meio sibilante, que ao princípio tanto me desconcertou. Serve-se agora de um ritmo luandense, a condizer com as camisas de seda estampada e os sapatos desportivos que passou a vestir. Acho também mais expansivo. A rir, é já angolano (AGUALUSA, 2004, p.76).

Desse modo, o novo passado vem suprir o vazio deixado pela perda de sua real identidade, ao mesmo tempo em que seu passado original intervém em seus planos para o futuro. “Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio” (AGUALUSA, 2003, p.54).

Edmundo Barata dos Reis, por sua vez, aparece na trama através das lentes da câmera fotográfica de Buchmann: é um morador de rua que esconde o passado de espião do regime colonial. A partir da descoberta de sua identidade, o personagem também se desterritorializa, já que não é mais um invisível anônimo em seu país.

O último eixo deste equilátero é Ângela Lúcia, filha desaparecida do estrangeiro que é quem, efetivamente, concretiza a vingança contra Barata dos Reis. Ela aparece na narrativa como uma fotógrafa – o que, por si só, já evidencia sua não-fixação em um único lugar -, e revela-se como uma mulher de múltiplas facetas. Como podemos perceber, ninguém é o que parece ser inicialmente: cada um revela o seu duplo e o enredo vai desvelando por sucessivas vezes o ‘Outro’ dentro do ‘Mesmo’.

Chaves (2011, p.191) afirma que “qualquer que seja a via de aproximação, acabamos por concluir que o espaço de vivência do escritor no interior da engrenagem colonial é atravessado por um conjunto de ambiguidades, condicionando-os a enfrentar a fatalidade de viver entre dois mundos”. Podemos inferir que não só a revisitação do passado e a tentativa de recuperar a essencialidade caracteriza esta literatura, e sim sua multiplicidade e a consciência de fragmentação do sujeito.

Neste sentido, é interessante pensar numa crítica feita pelo narrador da referida obra do autor angolano: “Contou ter assistido, dias antes, à apresentação do novo romance de um escritor da diáspora. Era um sujeito quezilento, um indignado profissional, que construía toda a sua carreira no exterior vendendo aos leitores europeus o horror nacional. A miséria faz imenso sucesso nos países ricos” (AGUALUSA, 2004, p.218).

Appiah (1997, p.219) aposta nas relações transnacionais para a superação desta condição de alteridade. Chaves (2005) ratifica esta assertiva, ao afirmar que na literatura refletem-se de maneira impressionante os dilemas do mundo africano pós-colonial: a relação entre a unidade e a diversidade, entre o nacional e o estrangeiro, entre o passado e o presente, entre a tradição e a modernidade. Assim, no híbrido contexto pós-colonial, o desafio é superar a tensão entre a busca da africanidade e a inserção em um contexto globalizado.

3. A fusão entre o antigo e o moderno: a miscelânea de Ondjaki

Ndalu de Almeida, o Ondjaki, é o mais jovem dos três escritores: nascido após a independência de Angola, o autor não vivenciou o período colonial, ainda que tenha sofrido os efeitos dele, nos anos de guerra civil que se seguiram após a conquista da autonomia política do país.

Poderíamos, a partir destes dados, concluir que se trata de um escritor de cunho universalista, desgarrado de suas raízes africanas. Mas a realidade é outra: Ondjaki é

admirador da cultura africana e também um estudioso da história de seu povo, já que se doutorou em estudos africanos. Discípulo confesso de Luandino Vieira e de Manoel de Barros, o autor revela, em seus textos, um narrador inocente, por vezes intencionalmente infantil. É o que ocorre na obra *Bom dia, camaradas* (2001).

Nesta trama, temos os desdobramentos de Angola pós-independência testemunhados e narrados por um menino questionador:

- Mas, Antônio...Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tava aqui a fazer o quê?
 - Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa...tinha tudo... não faltava nada...
 - Ó Antônio, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor, por exemplo...
 - Mas tinha sempre pão na loja, menino...os machimbombos funcionavam...- ele só sorrindo.
 - Mas ninguém era livre, Antônio...não vês isso?
- (ONDJAKI, 2006, p.18).

O menino presencia as mudanças que estão ocorrendo em seu país: a vinda dos professores cubanos, o governo local autoritário, as pequenas ilusões e alegrias de seu dia a dia. Tema recorrente também em Luandino Vieira, principalmente se pensarmos na obra que o alçou ao reconhecimento da crítica, *Luuanda* (1963), em especial o conto “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”. Neste conto, são narradas as peripécias de um menino forçado a trabalhar para sustentar a avó que passa por humilhações e castigos físicos, ao mesmo tempo em que demonstra irresponsabilidade e vivencia conflitos amorosos próprios de sua idade.

Em seus últimos romances, em especial em *Os transparentes* (2013), vencedor do prêmio José Saramago, Ondjaki transcende a “angústia da influência” no que concerne à temática reminiscente luandina e também, de certa forma, minimiza a herança de Manoel de Barros no que se refere ao trato estilístico dado às palavras.

Na obra mencionada, a descoberta de petróleo no subsolo da capital e a ganância dos detentores do poder causarão completa destruição, culminando numa espécie de apocalipse sem precedentes. O autor privilegia as vozes periféricas e o cenário urbano contemporâneo da capital Luanda a fim de revelar a hipocrisia social e corrupção vigente sob um tom ácido poucas vezes visto na literatura africana, sem prescindir do lirismo que tão bem o caracteriza.

na outra porta, o pastor brasileiro segurava o sexo na mão, dando ao seu corpo um ritmo mais ou menos intenso de acordo com a ação no interior da casa do seu senhor Jesus.
(ONDJAKI, 2013, p.377).

o fiscal dirigiu-lhe um olhar sério e irritado, trouxe o resto da cerveja de uma vez só, assumindo a garrafa e a ingestão do líquido (...).
- então ficamos assim...vamos passando, para ver como vai o negócio, e você vai nos passando o cumbú, para nós não vermos oficialmente como vai o negócio.
- entendido.
(ONDJAKI, 2013, p.214 - 215).

Somos os teus filhos, dos bairros de pobre, com fome com sede, com vergonha de te chamarmos mãe, com medo de atravessar as ruas, com medo dos homens somos nós, a esperança em busca da vida.
(ONDJAKI, 2013, p.202).

De acordo com Appiah (1997, p.218), os romancistas contemporâneos da África pós-colonial estão buscando a superação de sua condição de 'Outro' e já não querem mais ser mera reprodução da alteridade criada e/ou reforçada pelo colonialismo e pela mercadologização do mundo pós/neocolonial. Neste sentido, podemos observar pontos de intersecção entre a tessitura narrativa dos três autores supracitados. Apesar de serem notadamente diferente entre eles, o que se pode apreender é que há a necessidade da superação da crítica ao sistema colonial e ao 'Outro' representado pela figura do colonizador, ao mesmo tempo em que se aponta uma nova significância ao conceito de alteridade. Destarte, começa-se a perceber o 'Outro' existente dentro do mesmo país, com o mesmo sotaque e mesma nacionalidade.

O 'Outro' pode ser aquele cuja voz não encontra eco, cuja história é esquecida e o futuro, ignorado. “Os transparentes” são os outros, bem como o são os personagens que buscam um passado na obra de Agualusa ou os idealistas sonhadores de Pepetela. Os outros são os milhares de angolanos expostos a todo tipo de privação vivendo à sombra de milionários no país mais corrupto do mundo que também é um dos que possui maior índice de desigualdade.

A descolonização, enquanto utopia, não trouxe melhoria de vida à população. José Eduardo dos Santos governa ditatorialmente há quase trinta anos o país, cerceia a liberdade de imprensa e eventuais manifestações populares. A literatura, enquanto reflexo social, transparece a insatisfação de seus escritores enquanto veículo de propagação consciente sem ser panfletária, manifestando o desgosto face aos rumos do país. Assim, a crítica pós-colonial

assume, através da literatura produzida pelo próprio sujeito social angolano, a postura de criticidade endógena que revela a história por trás da arte.

Neste ínterim, é relevante observar as perspectivas dentro da literatura pós-colonial e seus possíveis desdobramentos: por um lado, temos a ficção engajada, de cunho político e social, manifestação de um passado mal cicatrizado de Pepetela; por outro, há a literatura desterritorializada, emblemática deste conflito do sujeito fragmentado e sem pertencimento, ao mesmo tempo em que sente necessidade de se vincular à sua época e à sua História, representada por Agualusa; e, por fim, temos a combinação entre o sujeito contemporâneo híbrido e o histórico-tradicional, espelhados na narrativa inovadora de Ondjaki.

De acordo com Ricoeur, não se deve esperar da narratividade que ela preencha uma lacuna de explicação que porventura a história tenha deixado. A apropriação de elementos de história e cultura africana, inalienáveis ao sujeito pós-colonial, não será capaz de, por si só, estabelecer uma ponte entre o mundo pré e pós-colonial. Não se pode esperar que a literatura traga respostas, mas é mister que estabeleça novos questionamentos. Assim desvelam-se, através destes aparentes descaminhos, a consolidação de tendências complementares no contexto literário africano.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BIRMINGHAM, David. *Portugal e África*. Lisboa: Nova Vega, 2010.
- BORGES, Edson. “A política cultural em Moçambique após a Independência (1975-1982)” in Peter Frye (org), *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2001, pp.225-250.
- BRANCO, Sofia. Entrevista com Agualusa: “Estão reunidas as condições para uma revolta em grande escala”. Disponível em <<http://sol.sapo.pt>>. Acesso em 31 de março de 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CACCIA-BAVA, Emiliano de Castro; THOMAZ, Omar Ribeiro. “Moçambique em movimento: dados quantitativos” in Peter Frye (org), *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, pp.21-60.

COLAÇO, João Carlos. “Trabalho como política em Moçambique: do período colonial ao regime socialista” in Peter Frye (org), *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, pp.91-108.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, Rita et alli (org). *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

FRYE, Peter (Org). *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

.MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MENEZES, S. *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: Edusp, 2000.

MEMMI, A . *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

_____. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHMIDT, Simone Pereira. “Onde está o sujeito pós-colonial: algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana”. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*. Vol. 2, nº 2, Abril de 2009, pp136-147.

SECCO, L. *A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português*. São Paulo: Alameda, 2004.

SECCO, Carmen. et al. (Org.) *Brasil África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

_____. et al. (Org). *África, escritas literárias*: Angola. Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.

VECCHI, Roberto; RIBEIRO, Margarida Calafate. “A memória poética da guerra colonial de Portugal na África : os vestígios como material de uma construção possível” em *Walter Benjamin: rastro, aura e história* em Sabrina Sedlmayer, Jaime Ginzburg (Orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, pp87-106.

VIEIRA, Luandino. *Luuanda*. Lisboa: Edições 70, 1963.

Artigo recebido em 30-04-2014

Artigo aprovado em 01-07-2014